

**caderno de
educação**

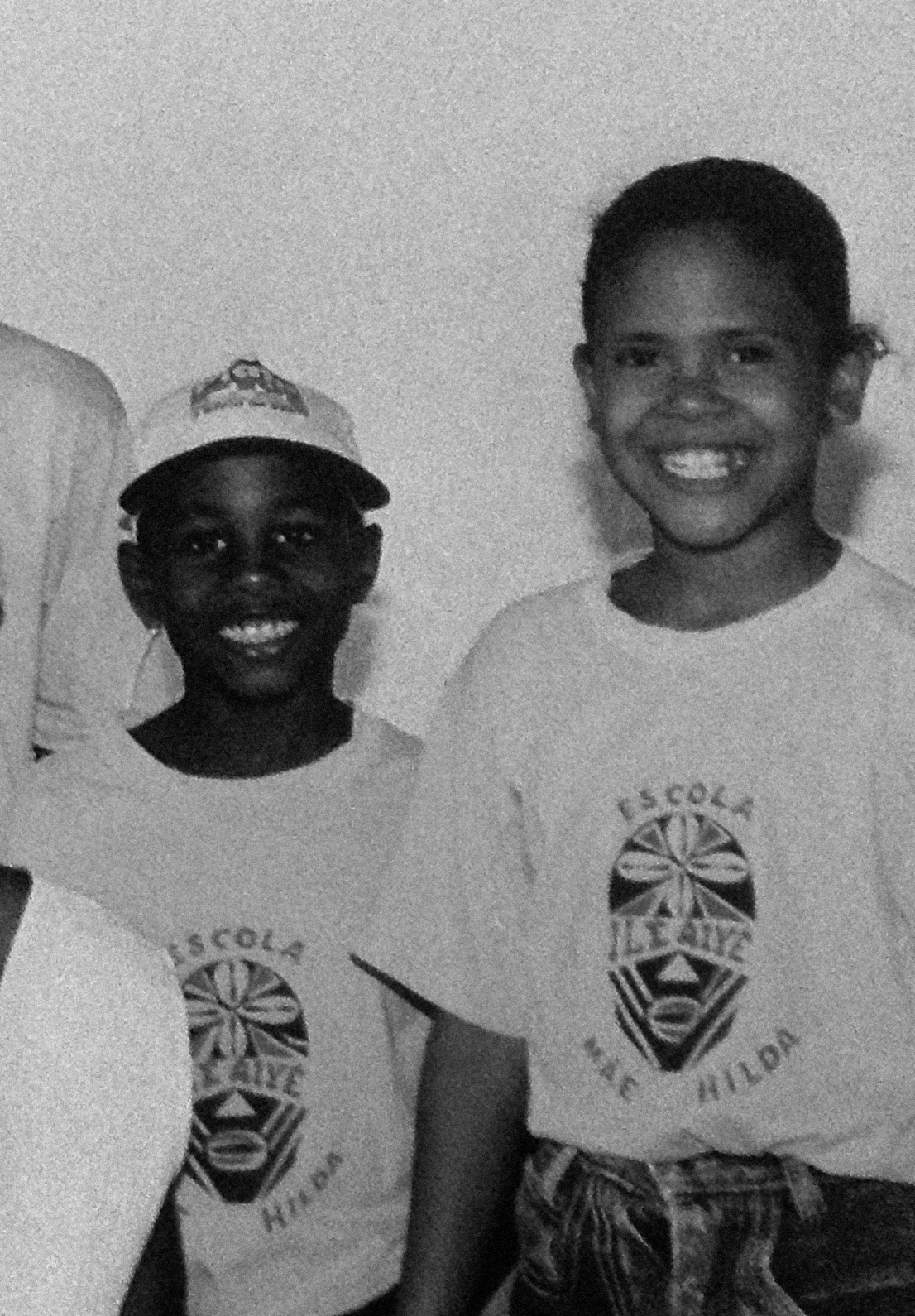
ilê aiyê 1995—2013
projeto de extensão pedagógica

8

terra de quilombo







ESCOLA
KAYE
HILDA

ESCOLA
KAYE
HILDA

É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

MÃE HILDA JITOLU: GUARDIÃ DA FE E DA TRADIÇÃO AFRICANA

Maria de Lourdes Siqueira

ensaio

Introdução

Mãe Hilda Jitolu, nascida Hilda Dias dos Santos Jitolu, foi uma figura central na preservação e disseminação da fé e da tradição africana no Brasil. Como iyalorixá, sua liderança e sabedoria transcenderam gerações, influenciando não apenas sua família, mas também comunidades inteiras através de sua dedicação ao candomblé. Sua vida e obra refletem a resistência e a riqueza cultural da diáspora africana, consolidando-se como um pilar fundamental para a manutenção das tradições afro-brasileiras.

Primeiros anos e formação espiritual

Mãe Hilda cresceu em um ambiente profundamente enraizado nas tradições africanas. Desde cedo, ela testemunhou a fé e a generosidade de sua mãe, que sempre abriu as portas de sua casa para ajudar os necessitados. Essas experiências formaram a base do que seria sua vida dedicada ao serviço comunitário e à preservação das tradições religiosas africanas. Em suas palavras: “Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé. Minha casa sempre foi frequentada pelo que considero herança de minha mãe” (Siqueira, 1996, p. 3).

Ela foi iniciada no candomblé pelo Babalorixá Cassiano Manoel de Lima e continuou suas obrigações sob a orientação de Iyalorixá Constância da Rocha Pires, conhecida como Mãe Tança, no Terreiro Cacunda de Iaiá. Mãe Tança,

**O CANDOMBLÉ
SEMPRE FOI CASA
DE ENSINAMENTOS E
ESTA FUNÇÃO AGORA
PROSSEGUE COM AS
NOSSAS DIVERSAS
ESCOLAS**

descrita como uma mulher bondosa e generosa, passou seus conhecimentos e direitos religiosos para Mãe Hilda, permitindo que ela continuasse a tradição. Nas palavras de Mãe Hilda, “Mãe Tança era uma pessoa muito bondosa. Gostava de passar ‘as coisas’ para as pessoas, ela não era dessas que segurava, ela passava se a pessoa tinha direito. Mãe Tança tinha esse direito” (Siqueira, 1996, p. 5).

Criação do ilê axé jitolu

Em 1952, Mãe Hilda fundou o Terreiro Ilê Axé Jitolu, um marco na história do candomblé e da comunidade afro-brasileira. O terreiro, nascido de sua fé em Obaluayê, tornou-se um centro de resistência cultural e espiritual, celebrando festivais e rituais que atraíam pessoas de diversas origens e reforçavam a identidade afro-brasileira. “Eu tive de lutar para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Aí se considera nascimento. Nasceu um terreiro dia seis de agosto de 1952” (Siqueira, 1996, p. 7).

O Terreiro Ilê Axé Jitolu rapidamente se tornou um espaço de referência, não apenas para a prática religiosa, mas também para a promoção de atividades culturais e sociais. As festas e cerimônias organizadas no terreiro atraíam centenas de pessoas, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. “Começamos com a festa de Obaluayê no dia 16 de agosto. No mês de setembro, prosseguimos com a festa do Caboclo Tupiassu. A gente celebra com muita garra, com muita animação, tudo a que ele tem direito” (Siqueira, 1996, p. 9).

Família e compromisso comunitário

Casada com Waldemar Benvindo dos Santos, Mãe Hilda

criou cinco filhos que se tornaram figuras proeminentes no cenário cultural e religioso brasileiro. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco afro Ilê Aiyê, enquanto Hildete Valdevina dos Santos Lima, ou Dete Lima, tornou-se diretora artística do Ilê Aiyê e vice-presidente do Instituto Mãe Hilda Jitolu. Outros filhos, como Vivaldo Benvindo dos Santos e Hildelice Benta dos Santos, também assumiram papéis importantes no Ilê Axé Jitolu e em iniciativas culturais e educacionais. “O Ilê Aiyê tem uma força e eu creio que essa força foi trazida pelo Axé do Orixá porque quando eu comecei a ter filhos, já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, no meu corpo, então o meu primeiro filho já nasceu dentro do Axé” (Siqueira, 1996, p. 11).

O compromisso de Mãe Hilda com a comunidade ia além da família. Ela sempre acreditou na importância da educação e do desenvolvimento cultural para a emancipação do povo negro. Com esse objetivo, fundou uma escola de 1º grau que se tornou um modelo pedagógico para outras instituições da comunidade, oferecendo aulas de religião e teatro, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O terreiro é pequeno, mas já tem disciplina que é uma escola de minhas filhas de santo e para as crianças daqui. Carentes da nossa comunidade, acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola” (Siqueira, 1996, p. 13).

Impacto cultural e social

Mãe Hilda foi uma pioneira na articulação de tradições afro-brasileiras com a educação e a cultura popular. Ela fundou uma escola que virou uma referência educacional para os estudantes e toda a comunidade do bairro do Curuzu,

onde está a sede da instituição, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas escolas” (Siqueira, 1996, p. 15).

Além de seu trabalho na educação, Mãe Hilda teve um papel fundamental na criação do bloco afro Ilê Aiyê. Fundado em 1974, o Ilê Aiyê tornou-se um símbolo de resistência e valorização da cultura negra. “O Ilê surgiu em 1974. 1975 foi o primeiro ano que ele foi para a rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa Casa de Candomblé consultando os orixás, achei que era muitos negros juntos [...] Achei que era necessário que se fizesse alguma coisa por parte do Axé para pedir proteção para esse povo” (Siqueira, 1996, p. 17).

Mãe Hilda também foi uma das responsáveis pela criação do Grupo de Mulheres de Axé Dandarê, que abre alas nos desfiles do Ilê Aiyê representando ancestralidade, tradições culturais, religiosas e étnicas. Essas mulheres, guiadas pela força e proteção dos orixás, são um exemplo vivo do legado de Mãe Hilda.

Legado e reconhecimento

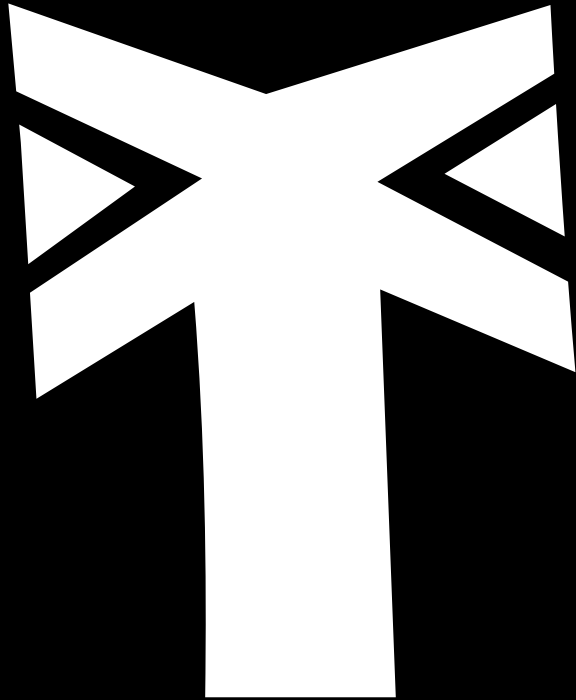
A fé inabalável de Mãe Hilda e sua dedicação à preservação das tradições africanas lhe renderam várias homenagens, - que fizeram jus à sua importância cultural e imaterial. Ela também foi imortalizada em músicas e recebeu tributos durante festivais e eventos culturais. A cidade de Salvador reconheceu seu trabalho, conferindo-lhe honrarias como a Chave da Cidade e a Medalha 2 de Julho, entre outros. “Mãe Hilda recebeu homenagens da 2ª série da Escola Mãe Hilda e de compositores do Ilê Aiyê. Que as Mães Pretas

do Brasil sejam parecidas com Mãe Hilda. Nos acaltem, nos acolham, nos aconselhem para sermos negros felizes” (Siqueira, 1996, p. 19).

Seu trabalho e legado transcenderam as fronteiras do terreiro, impactando a sociedade em geral. Ela participou de eventos importantes como o II Congresso Internacional dos Orixás, onde contribuiu para o diálogo entre a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras. Além disso, Mãe Hilda sempre esteve presente em celebrações religiosas de outras denominações, demonstrando seu respeito e abertura para a diversidade religiosa.

Conclusão

O legado de Mãe Hilda Jitolu é uma herança viva que continua a inspirar e fortalecer a identidade afro-brasileira. Seu trabalho como guardiã da fé e da tradição africana é um testemunho de sua visão e dedicação, assegurando que as futuras gerações mantenham viva a chama da cultura e espiritualidade africanas no Brasil. Sua vida e obra são um exemplo de resistência e resiliência, refletindo a profundidade e a riqueza das tradições africanas que ela tanto prezou e preservou. Mãe Hilda continuará a ser lembrada e honrada por sua contribuição inestimável à cultura afro-brasileira.



Homenagem a vovô

(Arany Santana)

Criticado ou aplaudido
Combatido ou amado,
Lá vai ele,
Negão malassombrado
criador de estilos e linguagem.
Sua referência, o Kilombo maior
Ilê Aiyê Jitolu
Abençoado pelas mãos fortes de Obaluaê
Lá vai ele
Voz macia, às vezes dura
e fala, quase nagô.
Irmão, amigo, parceiro, companheiro
confidente. Pai e filho de Oxalá
Sua escola, o terreiro
Seus mestres, os orixás.
Pela boca de Mãe Hilda
os conselhos. Sem perder de vista
A formação recebida no terreiro.
Lá vai ele, negão categoria
há 26 anos liderando esse Kilombo
em busca da liberdade
É graças ao Senhor,
Antônio Carlos dos Santos Vovô
Se o Kilombo Ilê é vitorioso
O Kilombola da Contemporaneidade.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
20	apresentação
24	a tradição quilombola no brasil
45	atividades para desenvolvimento



Nação Ilê

(Lucinha Ouro Preto)

A semente foi semeada
No Barro Preto Curuzu
Germinou nasceu Ilê Axé
Germinou nasceu Ilê Axé
Somos filhos da terra
Descendentes desta nação
Amamentados pela mesma mãe
Embalados pela mesma mão
Não vou esquecer a lição que o Vovô ensinou
Diz que a força da semente africana
É de origem bantu nagô
Vem do Barro Preto
Liberdade Curuzu
Fonte de sabedoria
Ilê Axé Jitolu
Ilê Aiyê vamos gritar mais alto liberdade
Pela paz pelo amor
E pela igualdade

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

TERRA DE QUILOMBO

*“A gente só vende o que faz.
Por isso que não podemos vender a terra.
Ela é como uma Mãe da gente”*

Chico Tomé, líder do quilombo de Rio das Rãs

apresentação

Para o historiador Clóvis Moura, o quilombismo representa referencial para a trajetória do africano em terras brasileiras no processo escravocrata, notadamente a resistência pela liberdade. Sua contribuição é à construção da diferença, à formação do povo brasileiro e à necessidade de solidariedade para a sobrevivência em um país continental.

O Movimento Quilombola, que se inicia no século XVII com Palmares, somente fechou o seu ciclo de luta nas últimas décadas do século XIX. Portanto, o “Quilombo” como forma organizacional, o Movimento Quilombola, registra o mais longo fato histórico, com duração de 258 anos (1630/ Palmares – até 1888).

Onde teve africano, teve quilombo no Brasil. Da Ilha do Marajó à região continental do Amazonas, Mato Grosso, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Maranhão, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, atinge até o Rio Grande do Sul e pontilham o solo nacional.

Assim, os quilombos formados transplantam para o Brasil e para a América Latina a África quando ocupam espaços e recriam a cultura a partir do espaço americano e brasileiro.

Este volume oitavo da Série Caderno de Educação do Projeto de Extensão. Pedagógica do Ilê Aiyê conta um pouco da luta tradicional quilombola tal Palmares (século XVII), Ambrósio (século XVIII), também das Comunidades Remanescentes de Quilombo, hoje, tais como Rio das Rãs, Kalunga, Trombetas e Frechal. Essas Comunidades desenvolvem práticas cotidianas de resistência e de defesa de seus modos de vida característicos e de manutenção dos seus territórios quilombolas conquistados nesses 500 anos do Brasil oficial.

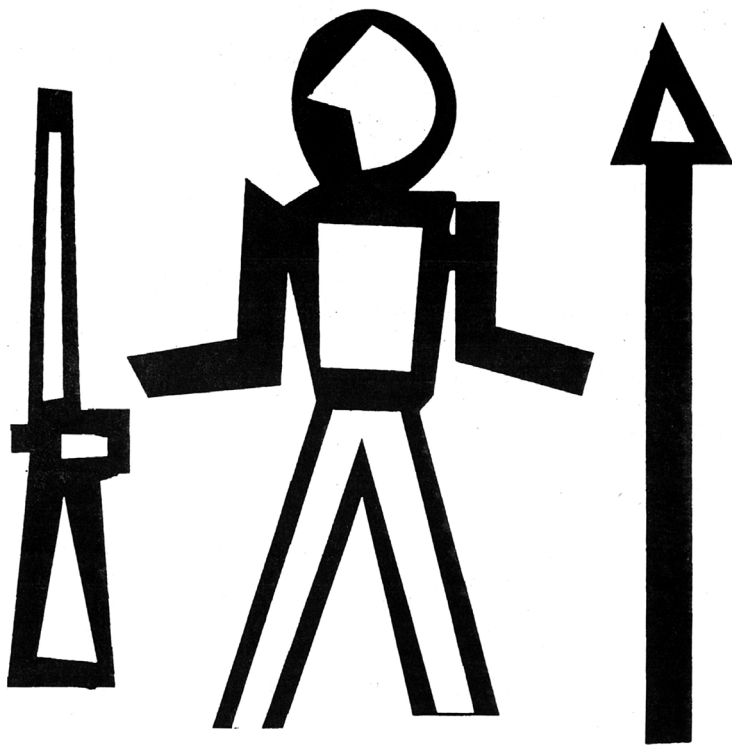
Além da rica ilustração realizada por J. Cunha, o Caderno “Terra de Quilombo” traz uma pequena antologia das canções dos compositores do Ilê Aiyê para o carnaval do ano 2000.

No final do volume, apresentamos sugestões de atividades pedagógicas que devem ser realizadas por professores, educadores e seus alunos. São apenas sugestões. Gostaríamos que você, comprometido com a Educação que queremos e merecemos, aproveite, ao máximo, o potencial pedagógico que este Caderno lhe oferece. Aí, sim, teremos muito o que comemorar!

Salvador, abril/2000

**A Coordenação do Projeto de Extensão Pedagógica
do Ilê Aiyê**

ZUMBI VIVE



J. Cunha

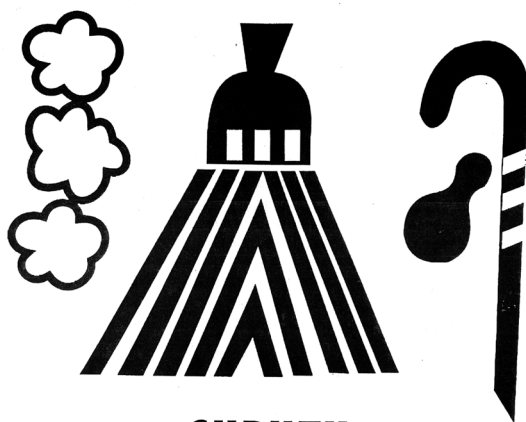
**PALMARES
ALAGOAS**

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

A tradição quilombola no Brasil

01



**CURUZU
BAHIA**

J. Cunha

Quilombo de Palmares – Alagoas

O maior quilombo da História do Brasil resistiu às forças racistas da época por aproximadamente cem anos.

Em 1630, Palmares já eram três aldeias na Serra da Barriga.

Em 1640, viviam já no Quilombo quase dez mil quilombolas. Palmares não era habitado apenas por negros que escapavam à escravidão. Também um número grande de índios e muitos pobres brancos alijados do processo econômico da época foram para o Quilombo.

A sociedade colonial escravista era, por definição, uma sociedade racista. O projeto de nação que se esboçou em Palmares, construído por negros, não podia vingar. Teria de ser, como foi, destruído. Mas, a resistência e o exemplo de luta de Zumbi e todos os guerreiros e guerreiras de Palmares jamais será esquecido por nós, Palmarinos-Quilombolas de hoje.

Asa Negra

(Marcus Gonçalves)

Sei que são outros "500"
Minha história, meus momentos
– Mocambos, Quilombos, Maroons
Estrela do céu que conduz
Nossa Liberdade Bahia – Ayabá
Oh! Yalodê
Terra de Quilombos Bahia – Ayabá
Sei que a Serra é uma Barriga
Que nos leva ao Curuzu
Calabar, Frechal, Cabula
Rio das Rãs, outros Caminhos
Meu Quilombo, minha Casa
Meu Ilê, meu Candeeiro
Estrada que nos revela
A Liberdade o ano inteiro
Nossa Liberdade Bahia – Ayabá
Oh! Yalodê
Terra de Quilombos Bahia – Ayabá
Asa Negra canta, canta
Na terra onde eu nasci
Nada preso na garganta
Somos Netos de Zumbi

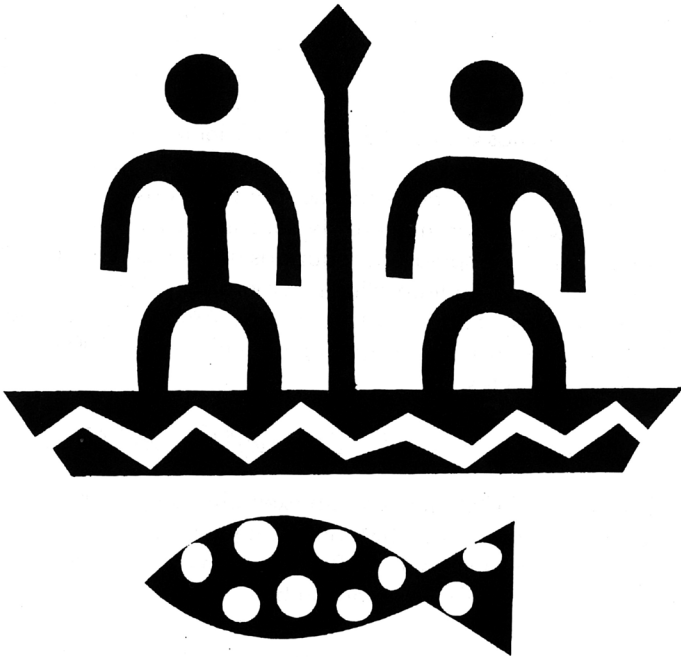
Quilombo de Ambrósio – Minas Gerais

Os quilombos constituíram, nas Minas Gerais do século XVIII, uma das mais completas e complexas formas de reação à escravidão. Para que se tenha uma ideia de sua participação na dinâmica social, basta lembrar que, para o período compreendido entre os anos de 1710 e 1798, o acervo documental pesquisado permite afirmar a descoberta e destruição de, pelo menos, 160 quilombos na área das Minas Gerais. Tal dado é suficiente para recusarmos as surradas teses da escravidão suave, da relação harmônica entre senhores e escravos e da aceitação, por parte dos escravos, de sua condição. Quanto ao número de seus integrantes, os quilombos tanto podiam ter populações reduzidas (menos de uma dezena de habitantes) como podiam atingir números significativos (centenas de quilombolas). Sobre o Quilombo de Ambrósio, destruído em 1746, existem documentos que falam em mais de 600 e até mais de 1000 habitantes.

Quilombo do Buraco de Tatu – Itapuã – Salvador

Buraco de Tatu fornece um exemplo que permite apreender muitos aspectos da história das comunidades quilombolas. Como os outros quilombos, o Buraco de Tatu era engenhosamente protegido. A penetração no quilombo era dificultada por uma rede defensiva.

A agricultura não era uma atividade suplementada por sua dieta com peixe, já que o quilombo ficava próximo à costa. A partir do relatório da destruição do quilombo podem se respingar alguns aspectos da sua vida interna. Politicamente, o Buraco de Tatu possuía dois chefes ou capitães: Antônio de Sousa era um capitão-de-guerra e um segundo,



**BURACO DO TATU
ITAPUÃ**

J. Cunha

Teodoro, que controlava e administrava o quilombo. Cada líder possuía uma companheira, à qual chamava rainha, importante na economia desse quilombo. Não são indicadas roças nas áreas ao redor do quilombo. Os quilombolas, provavelmente, pegavam alimentos de seus vizinhos.

O Buraco de Tatu foi destruído em dois de dezembro de 1793. Seus habitantes parecem ter sido de várias origens – crioulos e africanos de diversas etnias.

Embora roubassem de escravos e pessoas de cor livres tanto quanto de brancos, havia alguns libertos dispostos a cooperar com os quilombolas. Vivendo de astúcia e ousadia, os quilombolas do Buraco de Tatu mantiveram sua independência por vinte anos, até que suas ações e a ameaça à própria existência das autoridades coloniais resultaram no extermínio da comunidade.

Sob vários aspectos, a história do Buraco de Tatu parece ser um exemplo típico da história das comunidades quilombolas do Brasil.

Quilombos do Rio Grande do Sul

Até poucos anos atrás, a história escrava e a resistência escrava gaúcha eram quase referência à rebeldia servil no Rio Grande do Sul. Quase nada se sabia sobre os quilombos gaúchos. No máximo, registrava-se a ocorrência do fenômeno rapidamente, sem grandes comentários.

Muitas causas levaram os escravos à formação de quilombos no Sul: a distância e a dificuldade de alcançar a fronteira; o desconhecimento dos caminhos pelos escravos e o seu controle pelos brancos; a pouca vontade de trabalhar com o peão castelhano; o medo do desconhecido e o apego à terra. O certo é que um número considerável de cativos

sulinos fugiu e aquilombou-se em serras despovoadas, em florestas agrestes e em ilhas isoladas e no meio de banhados.

São abundantes os rastros documentais deixados pelos quilombos gaúchos. Mesmo assim, é de se admirar que inexistam informações diretas ou indiretas sobre boa parte dos quilombos sulinos.

A primeira referência até agora conhecida a um quilombo do Rio Grande do Sul e à sua destruição é de 1813. Os quilombolas da Serra Geral eram acusados da morte de um capitão-do-mato. Quando da repressão ao quilombo, um número indeterminado de quilombolas teria fugido.

Outros quilombos do Rio Grande do Sul

◆ **Quilombo da Serra dos Tapes** – liderado por Manoel Padeiro. A documentação sobre esse quilombo evidencia um fenômeno comum em outras regiões do Brasil: a troca de informações entre os quilombolas e a população escravizada. Os seguidores de Manoel Padeiro obtinham informação dos escravos das casas assaltadas. Cativos participavam de ataques sem, em seguida, acompanharem os quilombolas. Negros eram trazidos para o acampamento quilombola, onde passavam a noite dançando e comendo para partir ao amanhecer.

Quando do primeiro ataque registrado, o grupo quilombola da Serra dos Tapes compunha-se de 11 homens e apenas uma mulher. A negra Rosa seria uma decidida quilombola. Vestida de homem e carregando duas facas na cintura, participava ativamente dos ataques quilombolas.

◆ **Quilombo do Camisão** – o quilombo, no fundo de um barranco, teria umas 150 pessoas, sendo que 50 em condições de combate. As atividades do quilombo eram

repartidas por esquadras. É considerado o maior quilombo do Rio Grande do Sul.

O Rio Grande do Sul jamais conheceu grandes quilombos. A principal paisagem da região da campanha – o pampa – não oferecia acidentes geográficos que protegessem grandes concentrações de africanos.

O que são comunidades remanescentes de quilombos?

São grupos que desenvolvem práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.

A identidade desses grupos se define pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Portanto, as comunidades remanescentes de quilombo, hoje, se constituem enquanto grupos raciais que desenvolvem práticas cotidianas de resistência, de defesa de seus modos de vida característicos e de manutenção dos seus territórios imemorialmente conquistados.

Comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, hoje

Quilombo do Rio das Rãs – Bahia

Segundo dados históricos, por causa das perseguições políticas na época do movimento da independência (década de 1820), os negros escravizados ocuparam a região então abandonada do Rio das Rãs – no vale do São Francisco, na Bahia – e uniram-se aos negros que lá já habitavam, cuja

origem só pode ser atribuída à dissolução dos antigos quilombos ou mocambos, em época ainda mais recuada.

A história também registra várias expedições para destruir negros aquilombados já no século XIX na região do Vale do S. Francisco. Registra também as inúmeras revoltas de escravos na então província da Bahia. Em Salvador, em 1835, aconteceu a Revolta dos Malês, a maior de todas, liderada por negros nagôs e haussás.

Os nagôs foram os últimos dos grupos africanos trazidos para o Brasil, exatamente para Salvador, e eles teriam, juntamente com outros negros que já habitavam a região de Rio das Rãs, formado os principais troncos familiares que a memória da Comunidade Rural Negra do Rio das Rãs identifica na sua origem.

A Fazenda Rio das Rãs, na lembrança dos negros que a ocupam, hoje, e nas suas palavras, “Era matão, tudo era mata. Era tão mato que só tinha onça”. E sobre tais condições adversas, os negros constituíram-se como um grupo que desenvolveu um complexo sistema de organização social que, através de gerações, tem sido capaz de dar conta da sua manutenção física e de prover a sua reprodução social.

Mais de 400 famílias moram atualmente no Quilombo de Rio das Rãs, distribuindo-se por sete localidades principais: Riacho Seco, Capão do Cedro, Aribá, Enchu, Retiro, Brasileira e Rio das Rãs.

Para se viver em uma dessas localidades é preciso estar incluído em uma rede de parentesco, mas é pelo trabalho que as famílias usufruem de parcelas das terras – trabalho que se realiza sazonalmente e que é exercido tanto na beira do rio São Francisco quanto na caatinga.

Vamos abraçar tomé

(Rita Mota)

Uma casa de taipa luz de candeeiro
um povo de batalha hospitaleiro
Chico Tomé
O, ô, Chico Tomé...
Os Irmãos Ilê
Vieram trazer-te uma abraço
Deus, axés, as militâncias e labutas
Quilombos de Rãs é nosso espaço
Faz tempo que a corrente quebrou
Que o chicote partiu
Que o tronco apodreceu
E as terras não saíram ai, ai, ai...
Que não temos feito só barreiras impotentes
Ilê rompe barreiras como quebrou correntes.
Ai que saudades do meu povo quilombola
das juremas dos terreiros capoeiras e violas
até da enxada labuta cansativa
do pilão paçoca milho e bonecos com manaíbas
E da cabaça faço a roda um carrinho
Brincadeiras inocentes dos pequenos quilombinhos
Tudo era simples sem a tecnologia.



J. Cunha

A ocupação do território por parte das famílias negras foi definida através do uso efetivo que dele tem sido feito. O desempenho de atividades produtivas e a ocupação através dos agrupamentos de moradia confirmam este uso.

Segundo historiadores, os negros moradores da fazenda exerceram um controle bem sucedido para impedir a ocupação por famílias estranhas ao estoque original dos moradores e, além disso, desenvolveram mecanismos para a absorção de estranhos que não pusessem em risco o domínio que exerciam sobre a região como um todo.

A ocupação do Rio das Rãs começou da caatinga, dos sertões secos e áridos.

MITO DE ORIGEM

Os negros e os índios teriam sido os primeiros moradores do Rio das Rãs. Negros, como os índios, filhos da terra, filhos do mato, no processo de constituição de uma identidade que se afirma pela antiguidade. É um processo de consciência de suas raízes bem percebido no culto Afro-brasileiro da Jurema, que a comunidade pratica mesmo se dizendo católica.

A Jurema tem como características o culto dos espíritos do caboclo, do preto velho, dos guias e dos espíritos de pessoas que portam uma história concreta. O culto apresenta a mesma estrutura africana de trabalho. Ao falar português, a Jurema dá passagem à explicitação da História do negro brasileiro. A Jurema fala da experiência de quem está cultuando – o caboclo, ser sobrenatural –, ao tempo em que fala do cultuado, do ser humano. Sobre a categoria caboclo, pode significar tanto o índio como os negros que vivem na condição de caboclo.

A Jurema da comunidade do Rio das Rãs é o formato expressivo para onde se canaliza a história do negro livre e do negro cativo dentro da ordem escravocrata brasileira e de suas transformações no século XX.

As famílias do Rio das Rãs provavelmente vieram fugidas de áreas de mineração em época muito anterior à migração típica da região. O processo de assentamento de outras áreas vizinhas data do final do século passado e início do presente. Não há referência de que essas famílias sejam egressas da destruição de algum tipo de empreendimento escravista na região.

Na verdade, o Quilombo do Rio das Rãs foi formado de descendentes de negros que viviam livres no interior da ordem escravocrata (quilombolas escapados de uma região mais distante, num período provavelmente anterior à ocupação da área) e que lá chegaram e constituíram um território autônomo e o demarcaram simbólica e geograficamente.

Isso implicou numa enorme capacidade de resistência, tanto às investidas dos capitães do mato quanto à mera invasão de caboclos sertanejos e, finalmente, às tentativas mais recentes e racionalizadas de manipulação de cadeias de domínio por parte de grandes proprietários.

Fugir do cativeiro, encontrar um nicho ecológico apropriado e defendê-lo a todo preço: eis o que caracteriza um quilombo.

São quilombos os territórios demarcados geograficamente e de ocupação contínua, de negros que viviam livres no interior da ordem escravocrata, como as famílias do Rio das Rãs.

O Senhor Chico Tomé, com 103 anos de idade, é o líder maior do Quilombo de Rio das Rãs.



J. Cunha

**QUILOMBOS DO
RIO TROMBETAS**

Quilombos do rio Trombetas e do baixo rio Amazonas – Amazonas

A existência de quilombos da Bacia do Rio Trombetas e do Baixo Rio Amazonas, durante o século XIX, é atestada por inúmeros documentos históricos.

As histórias dos quilombos – ou mocambos, segundo a denominação regional – estão registradas também na memória oral dos remanescentes de tais comunidades que, até hoje, habitam a região conquistada por seus antepassados. Tratam-se de relatos das fugas das fazendas, dos enfrentamentos com as expedições punitivas, enfim, da vida dos negros mocambeiros. Histórias que vêm sendo transmitidas de geração para geração.

A ORIGEM DOS QUILOMBOS DO RIO TROMBETAS

Os escravos africanos foram trazidos à região do Baixo Amazonas para servir de mão-de-obra nas fazendas de cacau e gado, localizadas nas proximidades das cidades de Santarém e Óbidos. Tais atividades econômicas, já no século XVIII, implicaram a utilização da mão-de-obra do africano.

A formação dos quilombos no Baixo Amazonas parece ter se dado já nas primeiras décadas da expansão do cultivo do cacau. Tanto é assim, que, em 1812, já se registra uma expedição punitiva que destroçou os quilombos Inferno e Cipoteua, localizados nas cabeceiras do Rio Curuá. Os remanescentes dos quilombos destruídos que viviam refugiados nas matas voltaram a reunir-se às margens do rio Trombetas.

Com o correr do tempo, o quilombo do Trombetas, localizado nas proximidades de Óbidos, contava com mais de dois mil quilombolas e, guardadas as devidas proporções,

tornou-se tão celebrado na Amazônia quanto o de Palmares, no Nordeste.

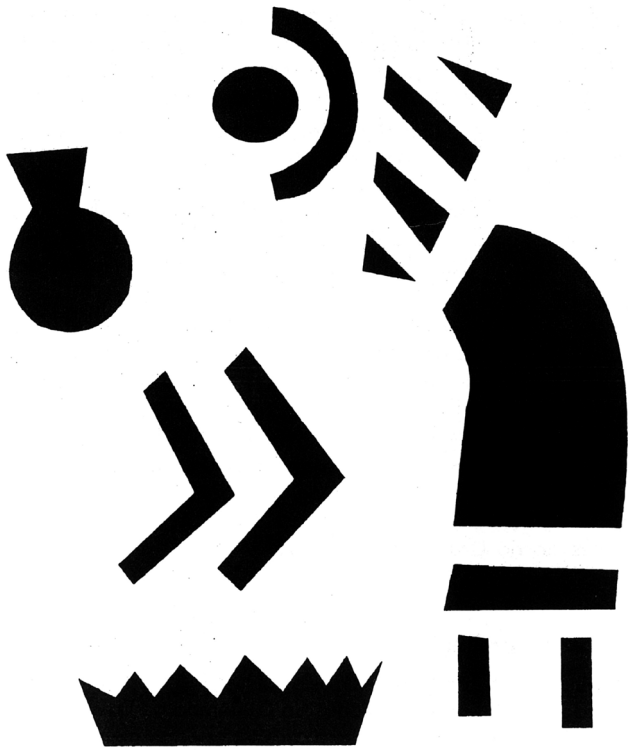
As relações entre os quilombolas e a população branca oscilaram entre a hostilidade – manifestada nas inúmeras expedições punitivas – e o intercâmbio comercial.

A posição dos quilombolas, na sociedade da época, não foi, desta forma, apenas marginal. As mercadorias, por eles produzidas, chegaram a ter significativa importância no comércio local.

Quilombo dos Kalunga – Goiás

Kalunga, palavra bantu, é sinônimo de divindade. Para os habitantes do Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, Vão das Almas, Contenda e Kalunga – localidades do quilombo – Kalunga é o nome de uma planta. O Quilombo dos Kalunga está localizado nos municípios goianos de Cavalcante, Monte Alegre e Terezina de Goiás, ocupando principalmente as margens do rio Paraná e montanhas e várzeas dos afluentes do mesmo rio. Já se concluiu que a formação de quilombo foi uma tônica generalizada no Brasil escravista com o fim de enfraquecer o regime servil, e que era um grande reforço da luta pela abolição que acabou sendo vitoriosa. Já se concluiu, também, que os quilombos eram recantos onde havia povo, governo e organização próprios, formando assim um Estado. Em face dessas conclusões, os Kalunga são cidadãos que foram, no passado, membros de um quilombo com vida e administração próprias. Ocorre, ainda, tratar-se de uma situação diferenciada da História de outros quilombos, porque, em regra, estes foram destruídos ou massacrados durante o regime servil.

O quilombo Kalunga não foi destruído. Permaneceu. Prosperou. Criaram-se comunidades isoladas na região,



**KALUNGA
GOIÁS**

J. Cunha

permanecendo naquele ambiente camponês as mesmas tradições dos quilombos. O instinto de defesa, os meios de manutenção da segurança da população e outras formas de se evitarem os males que vinham de fora foram ali mantidos por anos a fio – o que, disfarçadamente, ainda existe.

No ambiente Kalunga, que é hoje a área do Sítio Histórico criado por lei estadual, existem mais de três mil pessoas. A região do Kalunga é composta de 41 agrupamentos afro-brasileiros nascidos de um processo histórico iniciado no século XVIII com a implantação da economia mineradora.

Quilombo de Frechal – Maranhão

O primeiro registro de domínio das terras de Frechal data de 1792, quando, por sesmaria, foi concedido um quinhão a um português que construiu um dos mais prósperos campos de lavoura de cana de açúcar da então província do Maranhão.

Entretanto, em 1925, o último herdeiro da família dos portugueses, tendo contraído uma grande dívida, hipotecou a Fazenda Frechal. Os negros da fazenda, conscientes da dificuldade, trabalharam arduamente e, com uma só safra de algodão, conseguiram saldar a dívida. Em agradecimento, o fazendeiro deixou em testamento parte das terras de Frechal aos negros. Data deste período, oficialmente, a posse dos descendentes de africanos.

Os moradores de Frechal, comunidade de Quilombo do Município de Mirinzal-Maranhão, estão vivendo em suas terras por dois séculos, construindo um patrimônio fundado em posses centenárias. Suas relações sociais são presididas por sistema de uso comum das terras, e eles estabelecem uma convivência harmônica com os recursos naturais.

O Quilombo de Frechal encontra-se em uma área

reconhecida como Unidade de Conservação, protegida por dispositivo legal. Seus habitantes, por sobreviverem da extração do babaçu e da pesca artesanal nos lagos e afluentes do rio Uru, merecem o reconhecimento e proteção federal pela forma tradicional de manejo dessas atividades e como área de exclusividade negra.

SISTEMA DE PRODUÇÃO

Os sistemas de produção estabelecidos pelos produtores rurais descendentes de negros africanos do Quilombo de Frechal permanecem estáveis ao longo dos anos, sem causar danos ao meio ambiente. Isto porque, dentro do modelo de produção estabelecido, a preservação dos recursos naturais constitui-se numa estratégia de sobrevivência e manutenção das condições econômicas e sociais.

Em Frechal, o extrativismo vegetal, a caça, a pesca nos campos naturais e a agricultura alternam-se harmonicamente, antes de o meio ambiente sofrer ações agressivas de agentes externos.

Em Frechal, antes de qualquer coisa, estão em contraponto dois modelos de produção. O primeiro é o tradicional, praticado pelos negros, e hoje bastante prejudicado pela ação devastadora de um pretense proprietário. Mas, ainda hoje, esse modelo tradicional consegue se manter através dos tempos.

O outro modelo é a chamada agricultura moderna, praticada pelos brancos que, optando pela devastação desenfreada do ambiente natural para a implantação de culturas comerciais altamente dependentes de adubos e agrotóxicos, externos à propriedade, não foi capaz de obter bons resultados econômicos.

A POPULAÇÃO

Aproximadamente 183 famílias vivem integralmente em Frechal, num território de mais ou menos 9.542 hectares. Para o líder do Quilombo de Frechal, Inácio de Jesus Ribeiro, “a situação do Quilombo melhorou muito depois que a área foi reconhecida como Reserva Extrativista pelo Ibama. O decreto da Reserva, de 20 de maio de 1992 pra cá, nos deu uma esperança de vida muito grande, muito grande mesmo...”.

Remanescente demarcador de espaços, lugares

(Juraci Tavares da Silva Luís Bacalhau)

Falo, canto, fico, insisto
A terra é mãe, não compro, conquisto
Chico Tomé falou
Permaneço no quilombo
Sou Ilê Aiyê, resisto
Vovó Africa nos deu a resistência, a trajetória
Somos a história
Sou remanescente
Titulação quilombola
Minha nacionalidade Zaire-Angola
Meus ancestrais afro-angolanos
Pais e avós africanos
– Sou quilombo Rio das Rãs
– Eu, Buraco do Tatu, Itapuã
Nós, Liberdade Ilê Aiyê
Remanescente Curuzu
Nossa avó Africa, mãe Angola, pai Bantu
Chico Tomé, Rio das Rãs
Palmares, Kalunga, Frechal
Referência quilombo rural
Liberdade, Ilê Aiyê-Curuzu
Quilombo urbano no carnaval
Vai, vai, segue, Ilê Aiyê
Demarcando espaços, lugares
Símbolo remanescente de Palmares

atividade

Atividades para desenvolvimento dos eixos temáticos sobre os quilombos no Brasil

Ana Célia da Silva



J. Cunha

**FRECHAL
MARANHÃO**

atividade

1. Atividades para compreensão dos textos:

- a) Leitura silenciosa.
- b) Leitura oral.
- c) Vocabulário das palavras de difíceis significados.
- d) Perguntas orais e conversação para compreensão de cada parágrafo dos textos.

2. Atividades para fixação dos conteúdos significativos dos textos:

- a) Exercício de Complementação de frases.
- b) Questionário escrito, elaborado pelo professor ou pelos alunos, com questões sobre cada parágrafo significativo dos textos.
- c) Construção de palavras cruzadas e exercícios de caça palavras, elaborados pelos alunos ou professor, sobre nomes dos quilombos, sua localização e seus líderes.
- d) Construção de mapas do Brasil e das regiões do Brasil, situando geograficamente neles os quilombos.
- e) Resumir a história de cada um dos quilombos.

3. Atividades de construção e ampliação dos conhecimentos adquiridos:

- a) Exercício de elaboração de frases e de poemas sobre os quilombos e os quilombolas.

atividade

- b)** Exercício de redação sobre cada quilombo estudado.
- c)** Elaboração de problemas matemáticos a partir dos dados numéricos obtidos sobre os quilombos.
- d)** Elaboração de desenhos sobre a vida nos quilombos, sobre seus líderes e sobre outros aspectos significativos sobre os quilombos.
- e)** Concursos de redação e desenho sobre os quilombos.
- f)** Exercícios de dramatização sobre os quilombos.
- g)** Pesquisa comparativa sobre os bairros periféricos que têm a mesma origem e características semelhantes aos quilombos, na sua formação e nas lutas para a sua manutenção nas áreas, tais como as invasões de Salvador, as favelas, os alagados etc.
- h)** Distinguir as ações que os atuais "quilombos" urbanos constroem para sobreviver às "expedições" destruidoras das prefeituras e empresários.

Ilê Aiyê Estrela Guia

(Zenilton)

Brilhará a luz de um novo dia
Reinará a força da paixão
Por você me apaixonei
Nos teus olhos me encontrei
São lindos como o tom dessa canção
Pode me chamar
Que eu vou com você
Pode me chamar
Minha beleza meiga meu Ilê Aiyê
Fico louco de desejo Ilê
Quando eu olho pra você
Meu coração se apaixonou
E o corpo enche de prazer
Tu és minha estrela guia Ilê
A beldade de meu coração
Cantando pra todo universo
Acendendo a chama da paixão
O dengo, o dengo, o dengo, o dengo nega
O nego, o nego, um dengo, um dengo dar (refrão)
Todo chamego que essa nega tem
Vai me levar pra onde Ilê Aiyê está
Todo chamego que esse nego tem
Vai me levar pra onde Ilê Aiyê está

bibliografia

Organizações de resistência negra. *Caderno de educação do Ilê Aiyê vol. 1*. Salvador, BA, 1995.

Fundação Cultural Palmares. *Kalunga – o direito de existir*. Brasília, DF, 1995.

Associação Brasileira de Antropologia. *Terra de quilombo*. Rio de Janeiro, RJ, 1995.

SMDDH/CCN-PVN. *Frechal, Terra de Preto*. São Luis, MA, 1996.

Liberdade por um fio – História dos quilombos no Brasil. Org. João José Reis e Flávio Gomes. Companhia das letras, São paulo, SP, 1996.

O Quilombo do Rio das Rãs. Org. José Jorge de Carvalho – CEAO/EDUBA. Salvador, BA, 1996.

Passos, Walter. *Bahia: terra de quilombos*. 1º ed. Salvador, BA, 1996.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 8 – Terra de Quilombo

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)
Vivaldo Benvindo dos Santos

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Coordenação: Jônatas Conceição da Silva

Educadores: Ana Célia da Silva • Clemerson
Correia • Dayse Barreto • Elisângela da Hora
(Dandha) • Graça Onaxilê • Jaime Sodré •

Jorge Conceição • Lindinalva Barbosa • Maria
de Lourdes Siqueira • Marivaldo Paim • Rita
de Cássia Santa Rita • Valdina Pinto

Capa e Ilustrações: J. Cunha **Composição/Arte Final:**
Zilma Silva • Noberto Pires Maciel • Antônio
Correia **Impressão:** Camaçari Comercial e
Gráfica Ltda. 71 392 0799

Nossos Parceiros:
CEAO/UFBA - Centro de Estudos Afro-Orientais
da Universidade Federal da Bahia • CESE-
Coordenadoria Ecumênica de Serviço •
Grupo Pão de Açúcar – EXTRA HIPERMERCADO
• SMEC - Secretaria Municipal de Educação •
Secretaria Municipal de Educação • SETRAS
- Secretaria de Trabalho e Ação Social

End. Rua do Curuzu, 197, Liberdade
CEP 40305 000, Salvador • Bahia
Telefax 71 256 1013/388 4969
e-mail: ileaiye@e-net.com.br





MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

